



PRÊMIO VIVALEITURA

2006

EXECUÇÃO E PATROCÍNIO

Fundação **Santillana**

APOIO



Organização
dos Estados
Ibero-americanos

Para a Educação,
a Ciência
e a Cultura

Ministério
da Cultura

Ministério
da Educação



*Você conhece o valor da leitura.
E este prêmio reconhece o
valor do seu trabalho.*

O Prêmio VIVALEITURA

Aproveitando o ensejo da celebração do “Ano Ibero-americano da Leitura”, aqui batizado de “VIVALEITURA”, o Ministério da Educação, o Ministério da Cultura e a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI) instituíram o Prêmio VIVALEITURA com o objetivo de reconhecer e homenagear bibliotecas, escolas, universidades, organizações da sociedade e voluntários que promovem ações para desenvolver a leitura no Brasil.

Como demonstração do acerto dessa iniciativa, temos que na primeira edição do Prêmio foram recebidas mais de 3.000 inscrições de concorrentes de todas as regiões do país, revelando a existência de muitos projetos excelentes sendo desenvolvidos para o público leitor.

Além de manter verdadeiros programas de Estado, como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o Programa Nacional da Biblioteca da Escola (PNBE), que poderíamos chamar dos grandes portais para o acesso ao livro no Brasil, pois atendem milhões de alunos da educação básica de todo o país, o incentivo à leitura e à escrita, à divulgação do livro e à produção de textos são outras vertentes da política que buscam a melhoria da qualidade da educação oferecida na escola pública brasileira.

É preciso, portanto, combinar a ampliação do acesso ao livro com o aumento do número de leitores. Com essa convicção, o MEC juntou forças com o Ministério da Cultura (MinC) e, juntos, apoiados fortemente pela sociedade civil, lançaram o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), vetor da dimensão cultural e escolar da leitura e primeiro passo para dotar o Brasil de uma Política de Estado para o Livro e a Leitura.

O Ministério da Educação está convencido de que aumentar o índice de leitura no Brasil significa investir mais e mais na formação continuada de professores, de promotores e mediadores de leitura. Esses objetivos do MEC vão ao encontro do que pretende o Excelentíssimo Presidente da República quando diz que quer ver “a educação como investimento, educação no centro de um projeto de desenvolvimento para o país”.

Fernando Haddad

Ministro de Estado da Educação

Ministério
da Educação



Ministério
da Cultura



A leitura estimula a imaginação, distrai, informa e propicia o conhecimento. Quem lê percebe o mundo e as coisas em outra chave, em outro patamar de conhecimento.

Aquele que não tem o hábito de ler acaba por treslar a realidade; como dizia Monteiro Lobato, que encantou gerações com suas histórias: “Quem não lê mal ouve, mal fala, mal vê”.

O pleno domínio do conhecimento no campo das artes, da literatura e da ciência supõe e exige o domínio e o hábito da leitura.

Para que o Brasil alcance o estágio civilizatório que desejamos, faz-se necessário disseminar a prática da leitura. Numa nação republicana, o exercício da plena cidadania exige a formação de cidadãos leitores.

Para reconhecer e estimular as ações em prol das práticas relativas à leitura, o Ministério da Cultura e o Ministério da Educação instituíram o Prêmio VIVALEITURA, cuja coordenação e execução estão a cargo da Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, Ciência e Cultura, em conjunto com o MinC, o MEC e a participação e o patrocínio da Fundação Santillana.

O êxito da iniciativa constata-se pelo número avassalador de inscrições: 3.031, dos quais foram selecionados 15 trabalhos finalistas, 5 em cada categoria: bibliotecas públicas, privadas e comunitárias; escolas públicas e privadas; bem como pessoas físicas, universidades e instituições das sociedades que desenvolvem trabalhos na área da leitura.

O Prêmio VIVALEITURA faz parte do Plano Nacional do Livro e Leitura, que engloba um conjunto de projetos, ações e iniciativas na área do livro, da leitura, e das bibliotecas, desenvolvido pelo Estado no âmbito federal, estadual, municipal, setor privado e o terceiro setor.

O PNLL conta com mais de 200 ações e é uma política de Estado que objetiva assegurar a todos os brasileiros o acesso ao livro e à leitura.

É, pois, com grande satisfação que premiamos e parabenizamos as pessoas, os órgãos e instituições que se dedicam a tão nobre causa.

Gilberto Gil Moreira

Ministro de Estado da Cultura

Escutando as vozes da sociedade que se levantam em toda a região em favor de políticas públicas consistentes de promoção da leitura como estratégia para o desenvolvimento cultural, socioeconômico e da cidadania, a XIII Cúpula Ibero-americana de Chefes de Estado e de Governo proclamou 2005 o Ano Ibero-americano da Leitura. Uma linha de trabalho central foi apoiar o fortalecimento dos planos nacionais do livro e leitura desses países e a criação de mecanismos que ajudassem a garantir a continuidade das ações para além do calendário. As comemorações foram coordenadas pela OEI e pelo Centro Regional de Fomento ao Livro na América Latina e no Caribe (Cerlalac).

No Brasil, o Ano foi denominado VIVALEITURA e contou com a participação direta da OEI. Estado, setor privado, organizações não-governamentais, organismos internacionais e uma legião de voluntários se uniram para promover a maior articulação em favor da leitura de que se tem notícia no país. Entre projetos, programas, feiras de livro, palestras, debates, concursos e ações em âmbito nacional, regional ou local, a campanha somou mais de 100.000 atividades em todos os estados brasileiros.

O VIVALEITURA permitiu acumular experiência e consolidar vontades que permitiram criar o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), lançado pelos ministérios da Cultura e da Educação. Mais do que um sinal necessário de continuidade dos esforços, a medida representou sua elevação à condição de política de Estado, acima dos governos e de interesses pessoais.

Outra importante consequência foi a criação do Prêmio VIVALEITURA pelos dois ministérios, que escolheram a OEI para coordenar sua organização por uma década. O Prêmio tem, portanto, o nobre objetivo de identificar, reconhecer, valorizar e dar visibilidade às ações em favor da leitura que ocorrem pelo país afora.

A OEI encontrou na Fundação Santillana o parceiro imprescindível para fazer realidade essa iniciativa. Sem sua contribuição não haveria sido possível completar com sucesso todo o ciclo do Prêmio num prazo tão breve.

Mas o mais importante foi o entusiasmo das pessoas que apresentaram 3.031 experiências para sua avaliação e julgamento. Depois de um difícil trabalho pela qualidade das propostas, foram selecionados os 15 casos que seguem. Eles são, de alguma maneira, a síntese dos resultados de todos os projetos propostos. As experiências selecionadas e expostas nesta publicação expressam com clareza o compromisso de atores de diferentes origens, seja pública, seja privada, e com um mesmo objetivo: transformar definitivamente o Brasil em uma sociedade de leitores.

Daniel González

Diretor da OEI no Brasil


Esta primeira edição do Prêmio VIVALEITURA recebeu 3.031 trabalhos de todos os estados do Brasil e permitiu construir um painel rico e estimulante sobre o que acontece no campo da leitura, com diferentes públicos. São experiências que emocionam pela solidariedade, como a leitura no presídio, no barco, no jegue, no caminhão ou na banca de feira. São atividades que envolvem bebês, crianças, jovens em situação de risco e trabalhadores que tiveram poucas oportunidades de estudo. São também propostas que buscam o desenvolvimento da competência leitora, tanto de alunos como de professores, em um movimento amplo que alcança as escolas, as ruas, os bairros de grandes cidades e pequenas comunidades em áreas rurais. Todas partem da convicção de que o acesso à leitura é direito de todos.

A importância dessa premiação está, entre outras razões, na oportunidade de mostrar iniciativas, formais e informais, que desafiam a realidade retratada pelos baixos índices de leitura e de compreensão leitora. Na escolha dos finalistas, o Prêmio VIVALEITURA conseguiu reunir uma grande diversidade de projetos em vários estados do país, o que lhe confere uma identidade genuinamente brasileira.

Emiliano Martinez

Presidente da Fundação Santillana



 categoria 1
Bibliotecas públicas,
privadas e
comunitárias

Biblioteca Espumas Flutuantes

Stella Magally Salomão Correa



No Brasil, todos os dias, milhares de crianças e jovens se deslocam para suas escolas por meio de embarcações. Este projeto, desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Angra dos Reis, no litoral fluminense, conseguiu tirar partido dessa situação com raro senso de oportunidade.

A Biblioteca Espumas Flutuantes (alusão ao título do livro do poeta Castro Alves) funciona a bordo de um barco que transporta alunos de diferentes praias da região. Durante o trajeto, eles estudam, fazem pesquisas e lêem obras literárias, orientados por professores, relata a Secretária de Educação, Stella Correa.

O projeto surgiu em 1992, quando um professor e um barqueiro tiveram a idéia de criar uma biblioteca dentro do próprio barco. Seu propósito: fazer com que cerca de 100 estudantes, de 10 a 17 anos, aproveitassem melhor o tempo gasto no caminho de ida e volta da escola.

No total, o barco passa seis horas diárias transportando alunos. No percurso, um grande número de crianças e adolescentes, que de outro modo não teriam acesso fácil aos livros, acaba se tornando um público fiel ao acervo da embarcação

Há, por certo, o inconveniente da maresia. Por causa dela, os livros duram menos. Mas isso não chega a ser um grande problema, pois a captação de doações garante a contínua renovação dos exemplares.

Essa biblioteca que se desloca na água e transporta seus leitores não é apenas algo que entra como uma luva no cotidiano de um lugar cheio de ilhas, como é o caso de Angra dos Reis. Trata-se de um exemplo valioso, fácil de ser replicado entre populações ribeirinhas no país inteiro.



Angra dos Reis, RJ



Fotos: Daniela Dacorso



Com o acompanhamento da professora Renata, alunos realizam leitura durante o transporte escolar na Baía de Angra; ao lado, a biblioteca do barco, numa estante de madeira.

Biblioteca Paulo Freire

José Edemilson Pereira dos Anjos



O bairro da Escada não é, por certo, um lugar que oferece grandes oportunidades a seus moradores. Ele é um dos que compõem o chamado Subúrbio Ferroviário de Salvador, uma das regiões mais pobres da capital baiana, com uma população estimada em 250 mil habitantes.

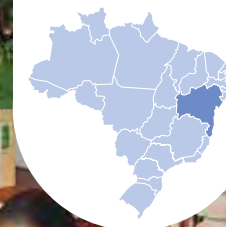
Justamente ali a biblioteca comunitária Paulo Freire conseguiu se impor como um espaço de estudo e socialização. Com um acervo de quase 6 mil obras, ela registrou cerca de 45 mil atendimentos desde 2001. Mas suas atividades não se restringem ao empréstimo de livros. José Edemilson Pereira dos Anjos, coordenador da Biblioteca, incentiva ações culturais mais amplas, que cativam a comunidade e, de modo indireto, ajudam a garantir a permanência dos jovens no sistema de ensino formal.

Entre suas diversas linhas de atuação, vale citar o Clube de Leitura, no qual os convidados participam de discussões literárias temáticas; o cineclube; os debates culturais; e a Hora do Conto, para crianças das escolas comunitárias próximas. Por tudo isso, a instituição hoje constitui uma referência cultural para os jovens que vivem no bairro da Escada.

Com cerca de 2,5 milhões de habitantes, Salvador conta tão-somente com oito bibliotecas públicas — duas municipais e as outras estaduais. Em 2005, a Biblioteca Paulo Freire obteve uma média mensal de 876 usuários. A marca é relevante não apenas se confrontada ao cenário maior, mas também levando em conta que a biblioteca atua em condições tão desafiadoras.



*Biblioteca Paulo Freire,
bairro da Escada,
Salvador, BA.*



Fotos: Adenor Gondim



Usuários lêem no recinto da biblioteca Paulo Freire, no Subúrbio Ferroviário, em Salvador; ao lado, a Hora do Conto, que inclui dramatização e desenho.

Elaboração de livro pela comunidade

Evando dos Santos



Certo dia, algumas crianças pediram a Evando dos Santos — criador da Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes — informações sobre o bairro em que moravam, a Vila da Penha, no subúrbio carioca. Ele não pôde atendê-las nessa tarefa escolar. Então se deu conta de que ali estava uma lacuna a ser preenchida.

Ele próprio se lançou na empreitada. O resultado foi a publicação do livro *Vila da Penha*, pela UniverCidade Editora. Atualmente ele está escrevendo o *Dicionário de Pessoas Importantes Desconhecidas do Bairro* — o barbeiro, o coveiro, o porteiro etc. Já tem 800 biografias.

Evando é um homem comprometido com seus sonhos. Sua história é singular. Sergipano, não frequentou a escola na infância e só foi aprender a ler com a *Bíblia*, aos 18 anos. Hoje, aos 46, é um apaixonado pela leitura. Com esforço próprio, criou uma biblioteca de 42 mil títulos, conseguidos por meio de doações, e que funciona na sua própria casa.

Em um terreno que ele havia comprado com a mãe está construindo a nova sede da biblioteca comunitária (*foto na página ao lado*). Não recebeu nenhuma ajuda. Sozinho, conseguiu um financiamento para a obra e, ao participar de um programa de TV, ganhou o projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer.

A biblioteca funciona sete dias por semana e tem até um serviço de entrega de pedidos feitos por telefone. Evando recebe de 30 a 40 leitores por dia. “Cada um fica o tempo que precisar”, explica. O apreço à leitura é o que conta: “Se o leitor gostar muito do livro e pedir para ficar com ele, tudo bem”.



Vila da Penha,
subúrbio do
Rio de Janeiro, RJ.



Fotos Daniela Dacorso

A existência da biblioteca comunitária, na Vila da Penha, no Rio de Janeiro, abriu a possibilidade de novas experiências para Evando, como a elaboração do livro sobre a história do bairro.

Projeto Jegue-Livro

Elza Maria Santos do Nascimento



Dos 34 mil habitantes de Alto Alegre do Pindaré, no interior do Maranhão, menos de um terço vive na cidade. Os demais se espalham por dezenas de povoados no município. Chegar até eles pode ser uma empreitada difícil, num lugar desprovido de boas estradas.

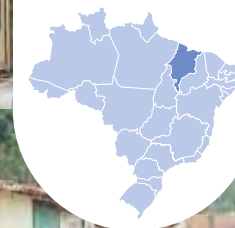
Elza Maria Santos do Nascimento coordena uma ação que, além de ser inovadora, está plenamente alinhada com a cultura local. Desenvolvido pela prefeitura, desde 2005 o projeto utiliza jegues para carregar exemplares do acervo da Casa do Professor e colocá-los à disposição de moradores de cinco povoados.

Nesse trabalho, a Casa do Professor conta com a colaboração de jovens que promovem atividades de incentivo à leitura nessas comunidades rurais. Esses voluntários também são preparados para ficar nas escolas, com os alunos, quando os professores precisam se ausentar semanalmente para levar adiante seus estudos.

A idéia do Jegue-Livro surgiu dentro do Programa Escola que Vale, parceria do município com a Fundação Vale do Rio Doce e o Centro de Educação e Documentação para Ação Comunitária (Cedac). Desse modo, Alto Alegre do Pindaré está virando, nas palavras de Elza do Nascimento, “um grande ambiente alfabetizador, em que ler ou mesmo folhear livros e ouvir histórias torna-se gradativamente uma prestigiada prática social”. O sonho dela é abrir o leque de atuação do projeto e levá-lo a comunidades cada vez mais numerosas, onde o livro ainda não faz parte do dia-a-dia das pessoas.



Povoado em Alto Alegre do Pindaré, MA.



Fotos João Ramid



Jegue com dois “jacás”, carregado de livros, entra em uma comunidade rural de Alto Alegre do Pindaré.

Projeto de Modernização do Sistema Municipal de Bibliotecas Públicas de Guarulhos

Edmilson Souza Santos



Concursos, saraus e mostras são algumas das iniciativas que vêm abrindo o horizonte cultural na cidade de Guarulhos, município da Grande São Paulo. Essas ações fazem parte de um projeto da prefeitura local para modernizar e dinamizar a rede de bibliotecas comunitárias, que atingiu um patamar de 400 mil usuários só em 2005.

A idéia de expansão começou a ser posta em prática em 2001. Naquela época, as quatro bibliotecas do município se encontravam em situação precária. Após diversas campanhas e atividades culturais, foram criadas mais 12 unidades, com acervo atualizado e adquirido com recursos próprios.

A prefeitura elaborou um plano para formar agentes comunitários capazes de montar as bibliotecas e enriquecer o seu acervo com base em campanhas de doação. Além disso, eles recebem orientação sobre como administrar, catalogar e conservar os livros.

A iniciativa da prefeitura envolveu o trabalho das secretarias de Educação, Cultura e Comunicação Social, com apoio da mídia. Edmilson Souza Santos, Secretário Municipal de Educação, conta que o resultado foi significativo. O esforço de fomento à leitura repercutiu nas salas de aula, com elevação da qualidade do ensino e da aprendizagem. Os professores são capacitados, de forma sistemática, em leitura e escrita, e o desempenho dos alunos vem melhorando nos últimos anos. Os efeitos das ações são tão abrangentes que uma pesquisa já mostrou que 33% da população de Guarulhos já teve contato, de algum modo, com as atividades culturais promovidas na rede de bibliotecas.



Biblioteca Municipal Monteiro Lobato, Guarulhos, SP.



Fotos: Marcelo Maragni



Novas estantes com sinalização visual e sistemas informatizados facilitam a consulta e a localização de livros aos usuários na biblioteca central de Guarulhos.



categoria 2
Escolas públicas
e privadas

Aprender a ler e ler para aprender

O ensino da Matemática centrado na inclusão social pelo domínio da língua

José Ribamar Tocantins Nunes



José Ribamar Tocantins Nunes e sua mulher, Clara de Fátima Martins, de São Luís, no Maranhão, são professores de Matemática no segmento da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que engloba alunos na ampla faixa entre 15 e 50 anos, no período noturno. O casal percebia que muito dos entraves para a aprendizagem da Matemática estava na dificuldade de compreensão e interpretação dos textos. Chegaram à conclusão de que estava na hora de propor novas práticas para a sala de aula.

Como Ribamar trabalhara por muitos anos na Viação Itapemirim, teve a idéia de pedir exemplares da revista de bordo da empresa, *Na Poltrona*, de tiragem mensal, distribuídos nos ônibus da companhia. E começou a utilizá-los como material didático. Escolheu essa publicação por apresentar textos curtos, com assuntos interessantes, e por ser colorida.

Cada aluno recebe um exemplar, escolhe o assunto que quer discutir e reescreve o texto. Esse trabalho é feito de modo articulado com outras disciplinas, que desenvolvem o mesmo tema, cada qual a partir de seu conteúdo específico.

Leitura, análise, discussão e produção de textos são as ações propostas aos alunos. Com o desenvolvimento do projeto, mais de 90% dos jovens e dos adultos vêm demonstrando interesse crescente pela leitura. E sua competência para interpretar textos tem aumentado, segundo foi verificado em uma avaliação.

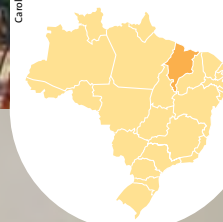
O projeto de Ribamar e Clara retrata o compromisso da área de Matemática com a aprendizagem da leitura e da escrita. E torna-se mais significativo por ser uma experiência ampliada, a partir das aulas ministradas por eles, para as demais disciplinas escolares.

26



São Luís, MA

Carolina Freitas/Folha Imagem



Fotos João Ramid



Acima, alunos da classe de Educação de Jovens e Adultos escolhem textos da revista Na Poltrona para trabalhar em sala de aula; ao lado, professores de várias disciplinas planejam a aplicação integrada do projeto.

Cordel: rimas que encantam

Francisca das Chagas Menezes Sousa



Francisca das Chagas Menezes Sousa é professora da 8ª série de uma escola rural em São Gonçalo do Amarante, interior do Ceará. Sua premissa é de que não existem alunos sem interesse pela leitura. Acredita que isso depende muito do assunto abordado no texto.

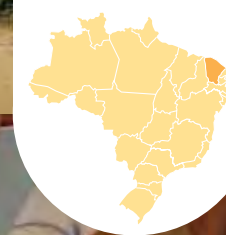
Como sabia do gosto de seus alunos pela embolada (textos declamados rapidamente sobre notas repetidas), resolveu fazer uma experiência com o cordel. Escolheu essa forma poética por um interesse que ela própria cultiva desde a infância. Quando ia visitar seus avós no interior do Piauí, seu avô, analfabeto, abria a chamada “caixinha de romance” para que a neta lesse os cordéis que ele guardava ali. A menina foi ficando fascinada por essas histórias e sua peculiar forma narrativa.

Hoje, em suas aulas, Francisca utiliza o cordel como referência para trabalhos de leitura e escrita, propiciando aos alunos uma boa diversidade de situações didáticas. Eles atuam como protagonistas e não apenas como executores de tarefas. Aprenderam a ler em voz alta. Tomaram contato com a história de seus antepassados e mergulharam a fundo nas tradições do lugar onde vivem. A comunidade também participou do projeto.

Estudando a literatura de cordel, os alunos de Francisca aprenderam a trabalhar com as rimas e a métrica. Pesquisaram na biblioteca e organizaram, com sucesso, uma “noitada cordelista” na escola. Além disso, criaram o Cordel Ambulante, em que se deslocam pela comunidade para ler literatura de cordel para os moradores.



São Gonçalo do Amarante, CE



Fotos: Drawilio Joca



Alunos e a professora Francisca fazem leitura coletiva de cordéis na escola na localidade de Cágado, em São Gonçalo do Amarante; ao lado, aluna lê cordel em voz alta em casa da comunidade.

Livro vivo: vamos ler

Jaqueline Maria de Souza Dias



Jaqueline Maria de Souza Dias dá aulas para a 4ª série em uma pequena escola estadual em Manaus. São apenas cinco salas, que funcionam em uma casa alugada da Igreja. Por não dispor de biblioteca, a escola não recebe livros da Secretaria de Educação. Os poucos exemplares que existem ali são sobras da Coleção Biblioteca em Minha Casa.

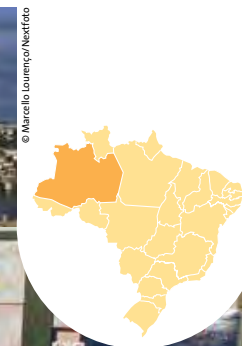
Como as crianças tinham pouco acesso aos livros, não se interessavam pela leitura. Jaqueline não sabia o que fazer para mudar a situação. Em certo momento, deu-se conta de que seus alunos sempre observavam com curiosidade as imagens que ela pintava nas suas próprias camisetas. Então resolveu imprimir, ali mesmo, textos de livros. Os alunos passaram a ler e a comentar. A professora aproveitava então a oportunidade para apresentar o autor e ler outras histórias. Assim, trouxe a leitura para a sala de aula.

Na falta de uniformes, que não haviam chegado à escola, as crianças iam de camisetas brancas. Então Jaqueline teve a idéia de sugerir que seus alunos escolhessem as frases que gostariam de imprimir nas camisetas. Isso foi motivo para leituras e pesquisas.

Todos os seus alunos passaram a usar camisetas com frases escolhidas de algum texto literário, prosa ou poesia. Houve um efeito multiplicador. Cada um fazia questão de apresentar o “seu” autor aos colegas. Agora eles organizam visitas a escolas para mostrar os detalhes dessa inusitada experiência de Jaqueline, que difunde o hábito da leitura por meio de verdadeiros “livros vivos”.



Manaus, AM



© Marcello Lorenzini/NextFoto



Fotos Alexandre Fonseca



Acima, alunos da professora Jaqueline mostram seus livros favoritos e, ao lado, as crianças divertem-se com os textos e imagens impressos nas camisetas.

Meu Broto de Leitura

Leitura de histórias, contos, poesias... para bebês



Creuza Prates Galindo Soares

Creuza Prates Galindo trabalha com 25 crianças a partir de 1 ano de idade no Berçário Municipal Mãe Cristina, em Marília, interior de São Paulo. A instituição, situada na região central da cidade, é voltada para mães que trabalham como domésticas, comerciárias e secretárias.

A idéia para este projeto surgiu quando Creuza fez uma capacitação promovida por uma ONG. A partir desse momento, ela firmou a convicção de que todas as crianças, mesmo as muito pequenas, são capazes de entender histórias. Com o propósito de integrar a família ao processo educativo, ela providenciou uma sacola de pano para cada criança, na qual ela leva um livro para casa no fim de semana. Os pais devem ler para ela. Creuza começou usando as obras de que dispunha. Depois conseguiu que a prefeitura aumentasse o acervo da escola.

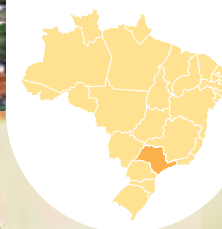
Com essa estratégia, as famílias passam a ter um envolvimento maior com a escola e com a leitura de forma geral. Já as crianças têm reações surpreendentes quando a professora pega um livro durante a aula. Sem que ela tenha de pedir, acomodam-se para a leitura e, animadas, dizem “Istóia!”. Apontam os livros preferidos e antecipam seus enredos, mostrando as ilustrações.

É a gênese do que se costuma chamar de “comportamento leitor”. O trabalho de Creuza é mais relevante quando se considera que suas crianças pertencem a uma comunidade em que os pais — em sua maioria, vigias, operários etc. — não têm acesso facilitado ao mundo das páginas impressas.



Marília, SP

© Carlos Terena/Kino



Fotos: Marcelo Maragni

Na creche, Creuza familiariza as crianças com os livros, contando histórias que os pais recontarão em casa.

VilaLeitura

Mara Cristina Rodrigues Dias



A originalidade do projeto está em envolver toda uma equipe de professores com sua própria formação e, desse modo, aprimorar a atuação entre os alunos. A responsável pela iniciativa é Mara Cristina Rodrigues Dias, formada em Letras. Coordenadora da Sala de Leitura, ela é a responsável pelo uso pedagógico da leitura em diversas frentes, seja no campo da educação infantil, seja no âmbito da biblioteca, que atende todos os segmentos da escola.

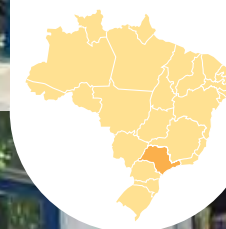
As iniciativas de estudo, análise e debate sobre questões como livro, literatura e leitura uniram professores da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio e repercutiram diretamente em sua atuação na sala de aula. Ajudaram também os professores das diversas disciplinas a levantar questões de ensino, e mesmo de cultura geral, que vão além dos conteúdos específicos de suas áreas. E deram-lhes mais segurança para, quando solicitados pelos alunos, recomendar leituras de boa qualidade.

Um dos pontos altos do projeto, por exemplo, foi a leitura de obras de Machado de Assis. Ela foi acompanhada da projeção de dois filmes baseados no livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, dos cineastas Julio Bressane e André Klotzel, além de textos de crítica literária.

Concebido para comemorar o Ano Ibero-americano de Leitura, em 2005, o projeto serviu também para que a Escola da Vila pudesse retomar uma tradição que sempre a destacou na rede particular de ensino de São Paulo: a utilização intensa das práticas de leitura com foco na formação dos docentes.



Escola da Vila, no bairro de Butantã, São Paulo, SP.



Fotos: Marcelo Maragni

Reunidos periodicamente nos espaços da escola, professores de diversas disciplinas e segmentos puderam repensar e reformular práticas de leitura em sala de aula.



categoria 3
Pessoas físicas,
universidades e
instituições

Clube da Leitura

Leonardo da Piedade Diniz Filho



Leonardo da Piedade Diniz Filho não pôde terminar a faculdade. Ele e a esposa precisaram ganhar a vida e cuidar dos dois filhos. Há três anos vende peixe na feira de domingo da cidade mineira de Pirapora, onde sua esposa também tem uma barraca de roupas. Léo do Peixe, como ficou conhecido pelos clientes e amigos da feira, sempre gostou muito de ler, mas enfrentava um problema: a biblioteca da cidade não abre no fim de semana.

Como o casal, a exemplo de outros feirantes, precisava levar os filhos para o local de trabalho, ocorreu a Leonardo uma idéia surpreendente: montar, na própria feira, uma banca de livros para empréstimo. Foi um sucesso. Ele logo passou a receber doações. Hoje, todo mundo participa do projeto. E não há problemas com devolução. Cada um fica o tempo que precisar com o livro. Embora não tenha uma contagem atualizada do número de obras em seu acervo, Léo acredita que a biblioteca tenha em torno de 8 mil exemplares.

A experiência revela um filão pouco explorado: a disponibilização de livros em ambientes pouco usuais e de grande circulação de pessoas — a exemplo de feiras livres — como forma de enriquecer o repertório cultural da comunidade. Assim, as obras literárias perdem sua aura de objeto de difícil acesso. E cai por terra a idéia de que a leitura é algo que só pode ser feito em escolas e bibliotecas convencionais.

Léo vem diversificando o seu projeto. Agora, uma vez por semana, leva os livros para o interior de um presídio local. E, quando a Casa do Menor ficar pronta, também quer estimular o hábito da leitura lá dentro.



Pirapora, MG, às margens do rio São Francisco.



Fotos Rogério Sávio



Ao lado de sua banca de peixes, a biblioteca ambulante de Léo atrai vários leitores.

Leia Brasil

Jason M. C. Prado



Sete caminhões percorrem quatro estados brasileiros — Sergipe, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná — com uma carga muito especial. Cada um desses veículos visita 50 escolas por ano, promovendo o empréstimo de livros e diversas atividades culturais.

O foco do projeto Leia Brasil é a escola e a formação do professor. Ele foi concebido em 1991, com base na constatação de que eram raríssimas as escolas públicas que podiam dispor de uma biblioteca. Nem havia dentro delas o conceito de sala de leitura, familiar às instituições particulares.

O projeto foi criado no ano seguinte, 1992, como um programa da Petrobras. Em 2000 foi transformado em uma ONG — dirigida por Jason Prado — e firmou parcerias com empresas privadas. O objetivo do Leia Brasil é estimular a leitura nas escolas brasileiras, propiciando acesso aos livros e estimulando atividades que tomem o texto como ferramenta de crescimento pessoal. Dessa forma, pode contribuir com programas e políticas públicas de incentivo à leitura e auxiliar na superação de lacunas educacionais no país.



A importância desse projeto pode ser atestada por, pelo menos, três fatores fundamentais. O primeiro é sua abrangência territorial, já que envolve estados situados em três regiões. Outro fator é o tempo em que continua ativo — 15 anos —, o que indica uma experiência consolidada. Por fim, há outro ponto forte na abrangência de sua estratégia, já que visa não apenas à distribuição de livros, mas também à formação dos professores.



O caminhão do Leia Brasil percorre os estados do Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo e Sergipe.



Fotos: Marcelo Maragni



Crianças de Santos, no litoral paulista, lêem dentro do caminhão-biblioteca do projeto Leia Brasil.

Liberdade pela escrita

Neiva Maria Tebaldi Gomes



O Presídio Feminino Madre Pelletier, em Porto Alegre, é o único no Rio Grande do Sul que tem creche. Muitas crianças nasceram ali mesmo, outras vieram com suas mães, quando elas foram presas, e permanecem com elas até os 3 anos de idade.

É nessa comunidade fechada que Neiva Maria Tebaldi Gomes leva avante o seu trabalho. Ele consiste em promover encontros semanais de aproximadamente duas horas, nos quais se lêem diferentes gêneros de textos, sobretudo os de caráter literário. É uma forma de amenizar a vida reclusa que as presidiárias levam e também de estreitar seus vínculos com os filhos, com base no estímulo ao hábito de ler e de contar histórias. Essas mulheres relatam que, por causa dessa atividade, sentem-se mais próximas das crianças e, de certa forma, mais livres.

O projeto Liberdade pela escrita, conduzido por Neiva, faz parte do programa de extensão universitária de uma instituição privada gaúcha, a UniRitter. Começou há doze anos. Seu objetivo é propiciar, por meio da leitura, oportunidades de reflexão e formação de valores humanos, auxiliando as detentas em sua recuperação e na futura reintegração à sociedade. Como consequência, o incentivo à leitura acaba abrangendo também seus filhos e família. A cada ano, o projeto é desenvolvido numa ala do presídio.

Entre outros projetos que partem da leitura como forma de estimular o compartilhamento de experiências e de cultivar valores sociais, o de Neiva destaca-se por enfatizar o vínculo entre mãe e filho.



Porto Alegre, RS



Fotos: Eneida Serrano



Detentas, com filhos pequenos, participam de oficina de leitura na creche do Presídio Feminino Madre Pelletier, em Porto Alegre.

Projeto Progresso na Leitura

Paulo Régis Araújo Moura



Paulo Régis Araújo Moura faz parte do grupo de entusiastas que, no distrito de Lisieux, em Santa Quitéria, Ceará, desenvolve trabalhos comunitários desde a década de 1980. Depois de anos de iniciativas variadas, entre as quais se destaca a criação de uma biblioteca, eles encontraram na rádio local um veículo eficaz para fazer a leitura chegar à comunidade.

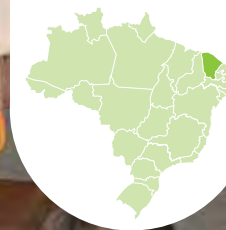
A idéia foi a de criar uma emissora comunitária, legalizada, e colocar textos literários ao alcance dos habitantes das áreas rurais. Seu funcionamento ainda é limitado a uma faixa de horário entre 5h30 e 6h30, de segunda a sábado. Nesse período, são levados ao ar trechos de romances, contos, histórias infantis e fábulas. Se não dá para terminar um texto no mesmo dia, a leitura continua no programa seguinte. Há conteúdos pontuais, isolados, e outros seqüenciais, como ocorreu na semana dedicada a Machado de Assis.

A cada dia, uma pessoa diferente lê os textos. Normalmente, trata-se de um professor. Porém, no futuro, poderão ser jovens, adolescentes ou mesmo crianças. Outra possibilidade, já considerada, é que os próprios habitantes das áreas mais afastadas tomem parte no programa, divulgando lendas e causos.

Dois aspectos chamam a atenção nesse projeto: primeiro, a capacidade de articulação e a criatividade do grupo, mobilizado em torno da idéia de disseminar a literatura entre habitantes da zona rural. Depois, a convicção de que o desenvolvimento da capacidade de leitura favorece a construção de uma sociedade mais igualitária.



Distrito de Lisieux, em Santa Quitéria, CE.



Fotos: Drawilio Joca



Professores lêem trechos de livros na Rádio Progresso; ao lado, ouvinte do programa que entra no ar às 5h30 da manhã.

Projeto Vitrine

Denize Bianchi Silveira Carvalho



O Projeto Vitrine começou há sete anos. No início, a Casa de Livros, livraria do bairro de Santo Amaro, na zona sul de São Paulo, procurava as escolas para fazer um trabalho diferenciado por meio da literatura infantil. Hoje, a situação se inverteu. São as próprias escolas, públicas ou particulares, que procuram a livraria.

O projeto se desenvolve da seguinte forma: a escola fornece o tema que quer tratar com seus alunos e a Casa de Livros indica títulos relacionados ao assunto. Um é escolhido pela escola para ser trabalhado com os alunos. Após a leitura, as crianças criam objetos e desenhos para a montagem da vitrine da livraria. Nesse dia, elas também podem conversar com o autor do livro e assistir apresentações de música ou contadores de histórias.

Com todas essas atividades, as crianças têm frequentado mais a livraria e demonstrado maior disposição para ler, estimuladas pelo fato de que podem participar de todas as etapas da programação. Em números gerais, 240 escolas, 8,3 mil alunos e cerca de 16 mil adultos já tomaram parte nesse projeto, que ajuda a formar uma comunidade de leitores.



A livraria Casa de Livros conta a seu favor com a experiência de uma das sócias, a psicóloga educacional Denize Bianchi Silveira Carvalho, que já foi diretora de escola e conhece os desafios das salas de aula. Sua premissa é de que apenas o livro não basta — é preciso vivê-lo em profundidade.

*Livraria Casa de Livros,
em Santo Amaro,
zona sul de São Paulo.*



Fotos: Marcelo Maragni



*A montagem da vitrine,
ponto alto do projeto, é
feita em um sábado.
Ao lado, um grupo de
estudantes prepara
receitas de um livro de
culinária para crianças.*

Prêmio VIVALEITURA 2006

Gerência do Projeto

Lucia Jurema Figueirôa – Fundação Santillana

Rosália Guedes – OEI

Coordenadora da Seleção

Lourdes Atié

Selecionadores

Eliane Mingues, Paulo Monteiro, Ricardo Barreto

Comunicação

Luciano Milhomem – OEI

Luciano Monteiro – Fundação Santillana

Atendimento

Carlos Pimenta Gonçalves Neto

Jurados

Edmir Perrotti – SP

Eliana Yunes – RJ

Francisco Silva Cavalcante Junior – CE

Livia Suassuna – PE

Moacyr Scliar – RS

Vicente Franz Cecim – PA

Walda de Andrade Antunes – DF

Coordenação editorial: Márcia Tonello

Edição de textos: Lourdes Atié , Renato Modernell

Preparação de textos: Fabio Galvani, Inês Mendonça

Revisão de textos: Volnei Valentim

Iconografia: Ana Lucia Soares

Pesquisa iconográfica: Maria Magalhães

Projeto gráfico: Homem de Melo & Troia Design

Tratamento das imagens: Angelo Greco

Pré-impressão e impressão: Pancrom